

**LITERATURA E IMAGINÁRIO:** fontes literárias e concepções acerca do Além Medieval nos séculos XII e XIII<sup>1</sup>

**LITERATURE AND IMAGINARY:** literary sources and conceptions about medieval beyond in centuries XII and XIII

Adriana Zierer (UEMA)

**Doutora em História. Professora de História Medieval do Departamento de História e Geografia da UEMA.**

E-mail. [medieval@domain.ig.com.br](mailto:medieval@domain.ig.com.br)

**RESUMO:** Para Jacques Le Goff, as fontes fundamentais para o estudo do imaginário são as artísticas e literárias. Por isso, para entendermos o sistema mental nos séculos XII e XIII relacionado à busca pela salvação, observaremos *A Visão de Túndalo*, um *exemplum*, narrativa religiosa curta de caráter moralizante, na qual um pecador passa pelos três espaços do Além (inferno, purgatório e paraíso), e depois arrepende-se de seus pecados. Podemos encontrar outros elementos acerca da preocupação com o além-túmulo em *A Demanda do Santo Graal*, romance de cavalaria de cunho místico-religioso, onde as figuras de Deus e do diabo estão em contato constante com os personagens, delimitando claramente os eleitos e não-eleitos ao Reino Celeste.

**Palavras-chave:** literatura - imaginário medieval - Além - Túndalo - *Demanda do Santo Graal*

**ABSTRACT:** To Jacques Le Goff, the fundamental sources for the study of the imaginary are the artistic and the literary ones. Because of that, to understand the mental system in the centuries 12th and thirteenth related to the search for salvation, we will observe *The Vision of Tnugdál*, an *exemplum*, a short religious narrative with a moralizing purpose, in which a sinner passes by the three places of the Beyond grave (hell, purgatory and paradise), and after that repent himself of his sins. We can also find other elements about the concern with the after death life in *The Queste of the Holy Grail*, chivalry romance with religious-mystic elements, where the figures of God and the Devil are in constant contact with the characters of the narrative, clearly showing the elected and non elected to the Celestial Kingdom.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado durante o IX Simpósio Regional de História (ANPUH-RJ) – História, Memória e Comunicações como atividade do Grupo de História Medieval, em mesa intitulada *A História Medieval como*

**Key-words:** literature - medieval imaginary - Beyond - Tnugdál - *Queste of the Holy Grail*

## 1. INTRODUÇÃO

Uma das tentativas para se entender a sociedade medieval é buscar o que se pensava acerca do mundo depois da morte, o Além. O Além Medieval pode se entendido como um espaço essencialmente binário, dividido de acordo com o Cristianismo em *Paraíso* e *Inferno*. O primeiro, um lugar de prazeres para onde se dirigiam os justos após deixarem esta vida e o segundo, o lugar de castigo por excelência, onde os pecadores sofreriam no fogo eterno. Por séculos os *oratores* discutiram sobre o período de espera entre a morte e a segunda vinda de Cristo, onde os bons e maus seriam definitivamente separados e os maus perdidos para sempre.

Mais tarde, a partir de meados do século XII, a Igreja cristalizou a noção de um terceiro lugar no Além, o *Purgatório*. As mudanças ocorridas desde o ano 1000 exigiram novas reflexões que respondessem às transformações sociais: o crescimento da produção, o desenvolvimento das cidades e de novas categorias como os mercadores, o movimento das Cruzadas, que para além da questão religiosa tinha um objetivo econômico de peso (conseguir terras para os nobres secundogênitos e diminuir as guerras feudais), o surgimento das heresias, contestando o monopólio da Igreja no contato com Deus (ZIERER, 2001, p. 329-330).

Por isso, o século XII é chamado por LE GOFF (1993, p. 159-161) de século da grande explosão e por Brenda BOLTON (1986, p. 14-36) de o século da Reforma. Novas reflexões sobre o sagrado surgiram desde então, com maior valorização do indivíduo e de sua aproximação com Deus, passando o livre-arbítrio a ser considerado essencial na salvação. Havia uma grande inquietação devido ao contraste entre a riqueza da Igreja e dos

mosteiros e a pregação de pobreza pelos clérigos, daí o surgimento de novas ordens monásticas, como os cartuxos<sup>2</sup> e cistercienses<sup>3</sup>, além do revigoramento do eremitismo.

Neste período de grande aflição com o destino das almas, os mercadores temiam a vida após a morte por exercerem a usura, atividade mal vista pela Igreja porque, teoricamente, os comerciantes vendiam o tempo de Deus (LE GOFF, 1991, p. 71). A concepção de Purgatório permitia a salvação de todos os cristãos e vinha ao encontro de grupos excluídos da salvação como os mercadores, uma vez que este local era visto como um espaço temporário no pagamento dos pecados veniais (isto é, aqueles que podiam ser perdoados por Deus), no qual o morto sofria algumas torturas físicas como a passagem simultânea do fogo ao frio (LE GOFF, 1993, p. 19-21).

Uma outra concepção do Além medieval é a noção do *Paraíso Terrestre*. Relacionava-se a crença de que após a Queda, o Paraíso, remanescente do antigo Éden, ainda estava neste mundo, porém apartado dos humanos por um muro de fogo (DELUMEAU, 1994, p. 58-59). No entanto, alguns santos eleitos poderiam se aproximar dele, como São Brandão e Santo Amaro, de acordo com as narrativas imaginárias de viagens a eles atribuídas (ZIERER, 2001, p. 41-51). O Paraíso Terrestre também podia estar associado a países míticos como o reino arturiano e o do Preste João, reinos tidos como perfeitos, caracterizados pela justiça, abundância e paz (ZIERER, 2000, p. 213-220). O que nos interessa agora, porém são as concepções tripartidas sobre o Além, o Inferno, Paraíso e Purgatório e o por quê de utilizarmos as fontes literárias ou quais elementos deste *topos* encontramos nas fontes.

Se queremos entender o que pensava o medievo acerca da relação dos homens com Deus, entre si e com o invisível, nada melhor que realizar a interdisciplinaridade entre a história e os vários campos do saber (BRAUDEL, 1990). Desde o questionamento sobre a história *évenementielle*, a qual pretendia narrar os fatos “tais como haviam se passado”, os

---

<sup>2</sup> Ordem monástica fundada em 1084 por S. Bruno de Colônia. Proporcionava que os monges vivessem como eremitas no seio da comunidade religiosa. LOYN, H.R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 76-77.

<sup>3</sup> A Ordem de Cister foi fundada em 1098 e adotava a regra de São Bento, pretendendo seguir uma observância mais estrita desses preceitos que a Ordem Cluniacense, que também adotava a mesma regra. Atingiu sua máxima expressão sob o comando de Bernardo de Claraval. BOLTON, Brenda. *A Reforma na Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1986, p. 50-62. Os cistercienses tiveram papel importante na produção e difusão de relatos de visões que buscavam dar exemplos morais aos fiéis (os *exempla*) para que conseguissem a salvação. Ver SCHMITT, Jean Claude. *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. São

marxistas e membros dos *Annales* sugerem a adoção de estudos interdisciplinares, como, por exemplo, a utilização da literatura para o melhor entendimento da chamada *história-problema*. LE GOFF (1994, p. 13) chegou mesmo a dizer que as fontes privilegiadas para o estudo do imaginário são as literárias e artísticas.

Neste sentido, utilizarei duas fontes literárias para observarmos a relação do medievo com o Além. *A Visão de Túndalo* e *A Demanda do Santo Graal* são narrativas que mostram os três espaços do Além cristão na Baixa Idade Média, o Paraíso, o Inferno e o Purgatório, o que nos possibilita mergulhar no imaginário daquela sociedade.

No período feudal, havia uma presença constante do sobrenatural, havendo grande confusão entre algo imaginado e a verdade, sendo o “ouvir dizer” a garantia de veracidade para a confirmação de um fato extraordinário. Nesta época, havia a confluência de duas culturas, a *cultura folclórica*, ligada às crenças da população camponesa, e a *cultura eclesiástica*, dominada pela Igreja Católica. As fontes literárias nos permitem justamente observar os elementos da *cultura folclórica* que persistiram na *cultura eclesiástica*.

Enquanto as crenças populares baseavam-se na ambigüidade de forças da natureza simultaneamente boas e más, o Cristianismo buscava impor uma rígida separação entre bom e mau, alto e baixo, Céu e Inferno (LE GOFF, 1993, p. 202-219). É bom lembrar que o período medieval é marcado pela interação entre oral e escrito, erudito e folclórico e que houve uma tentativa gradativa de *crístianização* dos elementos pagãos (ZUMTHOR, 1993, p. 118-119).

Inicialmente, o Cristianismo dividia o Além-túmulo em dois espaços, o Paraíso e o Inferno. Por muitos séculos, predominou a idéia de que havia um lugar de espera entre a morte e a *parusia*, a segunda vinda de Cristo, onde os bons mortos dormiriam ou descansariam, o *locus refrigeri* (lugar de refrescamento)<sup>4</sup>. A noção de um Além intermediário era antiga no pensamento judaico-cristão, como por exemplo no *IV Livro de Esdras* e no *Apocalipse de Paulo* (séculos II e III, respectivamente), nos quais apareciam sete lugares de castigo após a morte e também a existência de um lugar de descanso (LE GOFF, 1993, p. 50-51 e 54-56; DELUMEAU, 1994, p. 35-38).

---

Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 144-145. Em Portugal desempenharam importante papel na compilação da *Visão de Túndalo*, que foi traduzida ou adaptada por monges do mosteiro de Alcobaça.

<sup>4</sup>No *Apocalipse de Paulo*, por exemplo, um grupo de pessoas pede o *refrigerium* a Deus. LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 56-57.

Porém, a idéia do Purgatório como local específico de purgação dos pecados, os tipos de penas que se sofria ali e a ação da Igreja para abreviá-las, só se fixaram nos escritos eclesiásticos por volta de 1250 a 1300 devido às condições históricas que já mencionei.

O Purgatório, como local provisório de castigo pelos pecados antes da chegada ao Paraíso, era também uma forma de aproximação com as crenças populares célticas e germânicas. Estas não estabeleciam uma grande distinção entre o reino dos deuses e dos homens, podendo haver um intercâmbio constante entre estes dois mundos, não muito distantes um do outro.

Graças à concepção deste espaço intermediário, passou a haver um enorme intercâmbio entre vivos e mortos, numa aproximação com a visão do Outro Mundo da cultura folclórica. Schmitt em *Os Vivos e os Mortos no Ocidente Medieval* estudou este intercâmbio com o Além cristão através das visões de fantasmas que mostravam os tormentos do Purgatório e as ações a serem tomadas para “apressar” a sua salvação ou diminuir o seu sofrimento. Os vivos por sua vez agiam na salvação de seus entes queridos através de missas rezadas pela alma do morto e de realização de outros pedidos demandados pelo mundo dos mortos.

### **O ALÉM NO EXEMPLUM VISÃO DE TÚNDALO**

Vejamos agora o imaginário e a confluência das culturas eclesiástica e folclórica em *A Visão de Túndalo*, um *exemplum*, narrativa religiosa curta de caráter moralizante, na qual um pecador passa pelos três espaços da outra vida e depois arrepende-se de seus pecados carnis, tendo por isso a possibilidade de salvar-se. A obra, de origem cisterciense, foi escrita no século XII pelo irlandês Marcos e traduzida em português por volta do século XV, por monges do mosteiro de Alcobaça. O aspecto didático do relato fica claro nesta passagem quando o ente celeste se dirige a Túndalo: "*deus ha de ti piedade. e non padeceras tantas penas quanto mereciste. mais passaras por muytos tormentos. e depois desto tomaras ao corpo. por corregeres tua uida*" (*Visão de Túndalo* (VT), 1895, p. 102-103).

Por ter sido composta em meados do século XII, a diferença entre Purgatório e Inferno na obra ainda é um tanto confusa. Na versão portuguesa do século XV, é apresentado que o cavaleiro conhecerá “*todas as penas do inferno e do purgatorio e (...) todos os beens e glorias que ha no sancto parayso*” (VT, p. 101). Durante o relato porém, é difícil distinguir Purgatório e Inferno, ambos locais de tortura. Só podemos diferenciar os dois espaços porque sabemos, num determinado ponto da narrativa, que o cavaleiro desce ainda mais para baixo e lá encontra o Príncipe das Trevas (VT, p. 110). Numa outra versão da narrativa do século XV, a divisão do espaço é mais explícita, pois já aparecem separados por títulos, as experiências do cavaleiro no Purgatório, Inferno e na Morada dos Bem-Aventurados<sup>5</sup>.

Na descrição do relato aparece fortemente explicitado o objetivo da jornada de Túndalo, isto é, sua experiência seria contada pelo monge Marcos para que os medievais se arrependessem dos pecados e levassem uma vida mais virtuosa. A Igreja Medieval pretendia o controle das almas, daí a utilidade destas narrativas. O redator escreve ao fim da história que era testemunha da experiência de Túndalo, pois havia ouvido o que acontecera do próprio cavaleiro (aqui o afirmar que ouviu, mais uma vez como garantia de veracidade), que lhe contara a sua *Visão* (VT, p. 120).

A narrativa desenvolve-se a partir da “morte” temporária de Túndalo por um período de três dias, ocasião em que um anjo vem buscá-lo para uma jornada no Além. Os principais pecados que Túndalo deveria “purgar” nesta viagem eram comuns aos medievais e muito criticados pelos *oratores*, como, por exemplo, o apego aos prazeres mundanos, a luxúria<sup>6</sup>, e o não cumprimento de obrigações cristãs, como dar esmolas aos pobres e freqüentar assiduamente as missas.

Quando a alma sai do corpo, um grupo de demônios cerca o cavaleiro e quer levá-lo ao Inferno, mas aparece o anjo como se fosse uma “*estrella muy clara*” e afasta os demônios. Túndalo chora e saúda o ser celestial como senhor e pai. Este se queixa ao pecador, dizendo que este naquele instante o chamava de pai, mas antes não lhe seguia: “*Agora me chamas tu senhor e padre. Quando te uees en coita. O que ante non fazias.*”

---

<sup>5</sup> *Voyage de Raimon Perellos au Purgatoire de Saint Patrice: Visions de Tindal et de Saint Paul*. Textes languedociens du XV siècle. (Publiés par A. Jeanroy et A. Vignaux.) Toulouse: E. Privat, 1903, p. 57-119

<sup>6</sup> A Igreja pretendia o controle sobre a vida sexual dos fiéis, defendendo o casamento voltado apenas para fins de procriação, sendo que o ato carnal fora do casamento era condenado. Cf. RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio e Danação: As Minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 33-52.

*Quando eras en teu poder. Tu nunca quiseste creer meus conselhos nen fazer a minha uontade" (VT, p. 102-103).*

A narrativa pode ser dividida basicamente em dois momentos: no primeiro, o anjo e o cavaleiro vão descendo à terra (pois, na concepção cristã, o Inferno se localiza embaixo) e o pecador enfrenta uma série de provações, como ser comido por um monstro que devora e vomita as almas (VT, p. 107-108). As experiências desagradáveis continuam num crescendo até que eles chegam ao Inferno, onde estava o Diabo, que proporciona sofrimentos ainda piores aos condenados.

Os tormentos estão relacionados a torturas físicas com fogo e objetos cortantes, que levam ao dilaceramento dos corpos dos condenados, acentuado por seus gritos lancinantes e pelo fedor nauseante, torturas que são ininterruptas por toda a eternidade. Note-se aí uma ênfase neste tipo de narrativa às sensações experimentadas pelos sentidos como forma de tornar o relato mais vivido e assustador.

As provações enfrentadas por Túndalo estão relacionadas aos sete pecados capitais “ a vaidade, ira, inveja, avareza, gula, luxúria e preguiça e para cada um dos pecados existem penalidades como podemos ver a seguir (ZIERER, 2003, p. 151):

Quadro 1: Os Pecadores e suas Penas na *Visão de Túndalo*

Pecadores	Pecado Capital	Castigo
1. Assassinos	Ira	Sofrem num vale profundo com carvões e com cruzel de ferro branco, que queima mais que carvões
2. Traidores	Vaidade	Almas passam do fogo do enxofre para rio gelado e depois para o fogo novamente
3. Orgulhosos	Inveja	Mergulhados num lago fétido ao cair de longa ponte por onde só atravessam os eleitos
4. Avaros	avareza	são comidos e atormentados pela besta Aqueronte, depois são colocados no fogo e no rio de enxofre
5. Ladrões	Preguiça e inveja	Passam por ponte estreita com pregos afiados; enormes bestas comem os que caem das pontes
6. Glutões e Fornicadores	gula e luxúria	Jogados em enorme forno que queima tudo, torturados por diversas ferramentas

7. Luxuriosos, principalmente os eclesiásticos	Luxúria	Besta devora as almas e as vomita, almas concebem monstros, como serpentes e outros que as mordem, agulhas de ferro e de fogo consomem as almas
--	---------	---

Durante toda a jornada, o anjo vai acompanhando Túndalo, porém este enfrenta várias punições. Devido às suas faltas, sofre os castigos dos glutões e fornicadores. O tormento principia quando o ente iluminado deixa a alma só:

*quando os demoes uiron que o angeo a deseparaua. cercaronna de cada parte. con aqueles aparelhos con que atormentauan as outras almas e talharonna. e espedaçaronna toda. leuaronna dentro aaquela casa. (...) Ca ella padeceo ali muyto fumo, muyto frio. muyta caentura. e muitos açoutes e muito fedor. e outros muitos tormentos. que aqui non son scriptos (VT, p. 106-107).*

Outra pena que Túndalo sofre é a dos avaros, na qual é comido pela Besta Aqueronte, conforme é mostrado no quadro. Além disso, sente também as torturas impingidas aos ladrões e aos luxuriosos.

Nas provas dos ladrões, é obrigado a passar com uma vaca pela ponte estreita com pregos, por haver roubado a vaca de um vizinho. No meio da ponte, encontra um homem carregando um feixe de trigo. Nenhum dos dois quer retornar para dar passagem ao outro, estão com os pés sangrando e acusam-se mutuamente de seus pecados (VT, p. 106). Túndalo só obtém sucesso graças ao ser angélico, que o salva, curando seus pés e permitindo que atravesse a ponte.

Dentre os pecados, aquele em que mais se sofre é com a luxúria, a qual é praticada por leigos e também por eclesiásticos. Estes últimos, como lembra o anjo, devem ser punidos de maneira mais rigorosa se incorrerem neste pecado. Ainda que seja uma pena voltada aos eclesiásticos que pecaram, aqueles que cometeram a luxúria imoderadamente, como Túndalo, também sofrem o castigo.

Eram devorados por outra besta, mais aterrorizante que a predecessora<sup>7</sup>, com dois pés, duas asas muito grandes e de sua boca saíam grandes chamas de fogo. No interior do monstro, os condenados recebiam tormentos e engravidavam, tanto homens quanto

<sup>7</sup> A besta anterior é Aqueronte, que castigava os avaros.

mulheres, de outras feras, as quais pariam, com grandes gritos, por todas as partes do corpo. Estes animais os mordiam até os ossos e queimavam suas artérias e pulmões<sup>8</sup>.

Depois disso, as almas eram torturadas pelos demônios e derretidas como o chumbo, com o uso de martelos e outros instrumentos, e transformadas em massa: “*as vezes de cen almas se fazia huma massa*” (VT, p. 109). Porém por mais castigos que sofressem as almas nunca poderiam morrer, conforme desejavam.

Num segundo momento, Túndalo é conduzido pelo anjo para o Céu rumo ao Paraíso. No caminho, encontram pessoas que estão num pré-paraíso, por não serem maus nem completamente bons. A visão do Paraíso no relato segue a idéia de hierarquia de Gregório Magno que, inspirado numa passagem bíblica do profeta Ezequiel, divide os cristãos em três categorias, os *conjugati* (casados), os *continentes* (os religiosos) e os *predicadores* (os clérigos seculares) (VAUCHEZ, 1985, p. 48).

De fato, o cavaleiro encontra o Paraíso dividido em três estágios. No Muro de Prata, lugar em que a alma ouve belas vozes e expressões de alegria e contentamento, vivem os castos no casamento. No Muro de Ouro, encontram-se os monges, homens, mulheres, e os construtores das igrejas, com coroas de ouro com pedras preciosas sobre a cabeça por terem sido os mártires da defesa da fé cristã. Túndalo e o anjo vêem a formosura desses eleitos que se assemelham a anjos, seus cantos e seu bom odor, que ultrapassam tudo o que haviam visto antes:

*E entraron e uiron dentro muitos monges. e muitos homeens de orden. e muitas molheres outro sy, que non parecian outra cousa se non angeos. tan fermosos eran. e cantauan tan docemente, e tan soborosamente que todas as maneyras e artes da musica sobrepoiauan e uencian. pero que todas as outras almas que ia uiron nos outros logares per hu uynham. resplandecian e luzian muito a demais. A claridade e o resplendor e o muy boon odor que destes saya. sobrepoiauan. e pasauan todos os que no mundo son* (VT, p. 117).

Por fim, na melhor parte do Paraíso, o Muro das Pedras Preciosas, estavam as nove ordens de anjos<sup>9</sup>, os patriarcas, os profetas da *Bíblia*, os apóstolos de Jesus e as virgens. Neste local ele ouve “*palavras muy maravilhosas e muy sanctas per tal guisa que non*

---

<sup>8</sup> *Vision de Tindal, Ibid.*, p. 84

<sup>9</sup> De acordo com o Pseudo-Dinis, o Aeropagita na obra *Da Hierarquia Celeste*, os anjos eram divididos em tríades ou nove ordens de anjos: Serafins, Querubins, Tronos, Soberanias, Potestades, Principados e Arcanjos,

*conuem a nenhunn homem de as dizer*". A descrição do muro visto pelo cavaleiro se assemelha muito a do Paraíso, conforme o *Apocalipse de S. João*:

*O material de sua muralha é o jaspe, e a cidade é de ouro puro, semelhante a um vidro límpido. Os alicerces da muralha da cidade são recamados com todo tipo de pedras preciosas (Ap 21, 18-19).*

O Muro de Pedras Preciosas segundo Túndalo era:

*huun muro muy alto. que de fermosura e de claridade uencia e passaua per todos os outros que ia dissemos. Era muy fermoso e fecto todo de pedras preciosas. E de metaaes mesturados de colores de muitas guisas. Assi que o fundamento dele era todo fecto de ouro puro. E as pedras de que era fecto son estas: Cristal. Crisolitus. Berilus. Jaspe. Jagonça. Smaragda. Çafira (VT, p. 118).*

Portanto, fica claro que as descrições medievais sobre o Paraíso e Inferno são amplamente baseadas em narrativas da *Bíblia* acrescidas de concepções célticas e germânicas, como a aproximação entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

Como é possível perceber na estrutura do *exemplum*, a narrativa tem um fim moralizante ao mostrar um homem comum, isto é Túndalo, um cavaleiro pertencente à nobreza, e o seu percurso para chegar à salvação, buscando assim levar à conversão dos demais laicos. Além disso, ao finalizar a sua missão de visitar os três espaços do Outro Mundo e contar a sua experiência, o cavaleiro finaliza seu objetivo na terra e espera a morte para, após a sua redenção, atingir e permanecer no Paraíso.

## **2. O ALÉM NO ROMANCE DE CAVALARIA A DEMANDA DO SANTO GRAAL**

Apontarei agora, os traços do Além cristão e o fundo céltico em *A Demanda do Santo Graal*, romance de cavalaria de cunho místico-religioso, onde as figuras de Deus e do Diabo estão em contato constante com os personagens, delimitando claramente os eleitos e

---

estando os anjos no último degrau da hierarquia celeste e em contato direto com os bispos. Ver DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982, p. 139-140.

não-eleitos ao Reino Celeste e onde também aparecem noções sobre o Inferno, Purgatório e Paraíso.

Embora seja um romance de cavalaria, *A Demanda do Santo Graal* pode ser enquadrada como um relato de *viagem mística*. A procura do Graal, o Santo Vaso que conteria o sangue derramado por Cristo crucificado, representa a busca de implantação do Reino Celeste na terra. O relato foi traduzido do francês para o português em meados do século XIII, constituindo-se numa versão do Ciclo da *Post -Vulgata* da Matéria da Bretanha. Porém a cópia conservada da obra é do século XV, época da implantação da Dinastia de Avis no poder em Portugal.

*A Demanda do Santo Graal* trata da breve aparição do objeto sagrado na corte do rei Artur em Camelot, quando os cavaleiros estavam ali reunidos. Todos têm a oportunidade de provar do Santo Vaso, que alimenta-os material e espiritualmente. Mas o Graal parte do reino, e os cavaleiros saem à sua procura. É esta busca que conduz a narrativa. Após o fim da demanda, o reino arturiano entra em declínio (MEGALE, 1992), sendo destruído pelos inimigos do rei.

Dos cento e cinquenta cavaleiros da corte, a maior parte é de pecadores, que por isso não podem ver mais uma vez o Santo Vaso. Só três escolhidos têm a condição de encontrar o Graal, conduzidos pelo cavaleiro perfeito Galaaz. Ele é o puro dentre os puros, virgem e sem pecados, razão pela qual é o melhor guerreiro da narrativa, vencendo os inimigos de Artur muitas vezes praticamente sozinho. Ele usa uma estamenha (túnica de lã com farpas, usada sobre a pele como forma de penitência) para reforçar a sua condição de penitente e passa toda a demanda jejuando, rezando e se confessando com os eremitas que encontra no caminho. Galaaz é quase um religioso e tem aproximações com Jesus por ser capaz de expulsar o demônio e curar um paraplégico. (ZIERER, 1999, p. 124)

A obra é escrita nitidamente sob influência religiosa, num momento de *cristianização do mito do Graal* (TODOROV, 1976, p. 188-189). A narrativa representa uma das respostas da Igreja ao desenvolvimento da cultura cavaleiresca, a qual valorizava os feitos de coragem dos nobres. Com a cristianização do relato, ao contrário, o herói só atinge a perfeição devido à sua pureza interior e o objetivo da jornada não é realizar façanhas, mas alcançar um objeto espiritual através de uma jornada mística em busca de Deus.

Existe no romance uma oposição a todo momento entre o Céu e o Inferno, o alto e o baixo, representada pelas tentações sofridas pelos cavaleiros, pela vida virtuosa de alguns e pela presença constante de Deus e do Diabo na narrativa. Deus fala com os personagens, impedindo os cavaleiros eleitos de cometerem más ações ou, pelo contrário, protegendo-os.

Numa ocasião, Deus impede Boorz de matar seu irmão Leonel, numa briga iniciada pelo último (*A Demanda do Santo Graal* (DSG), 1995, p. 144). Outra proteção divina ocorre quando o rei Mars (o rei Marcos, de Tristão e Isolda), inimigo do rei Artur, tenta matar Galaaz com veneno, mas este não surte efeito (DSG, p. 358).

Um terceiro exemplo acontece com Persival. Este, antes de praticar a luxúria com uma bela donzela “ que na verdade era o diabo disfarçado “, escuta a voz de Deus e desmaia:

*vem de contra o céu um tam gram sôo como se fosse firida de torvam (...). E (ele) ergueu-se espantado e ouviu ~ua voz que dizia:*

*“ Ai, Persival, como aqui há tam mau conselho! Deixas toda lidice por toda tristeza, donde te vinrá todo pesar e toda maa ventuira. (...) E caiu esmorcido em terra e jouve assi um gram pedaço. E depois que acordou e catou arredor de si e viu a donzela rir, e, quando a viu rir, maravilhou-se e logo entendeu que era o demo que lhe aparecera em semelhança de donzela polo enganar e o meter em pecado mortal (DSG, p. 202).*

Uma clara representação do Diabo é a figura de um monstro, a *besta ladradora*, resultado da relação do demônio com uma princesa. Esta havia sido seduzida pelo demo após cair de amores pelo irmão. Convencida pelo primeiro, também causa a morte do ente fraterno.

A besta, fruto da união demoníaca, está associada não só à idéia do pecado, como também à convicção de que seres monstruosos viviam em terras distantes, alguns deles chegando mesmo a serem tidos como súditos do Preste João, um rei cristão<sup>10</sup>.

Sobre o nascimento da besta ladradora:

*El-rei fez guardar sa filha até que foi sazom de haver seu fiho. E as donas que estavam com ela a seu parto, u cuidarom a achar filho, acharom a mais*

---

<sup>10</sup> Entre os súditos do Preste João havia os povos de Gog e Magog, que comiam carne humana e uma imensa gama de seres imaginários como dromedários, amazonas, formigas gigantes devoradoras, peixes trabalhadores e outros. *Carta do Preste João das Índias*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

*dessemelhada besta e a mais mal aventurada, como já ouvistes, e houverom pavor tam grande que todas foram mortas fora ela e outra dona. E a besta se foi assi que nom houve homem no paaço nem no castelo que a podesse tornar e ia poendo os maiores ladridos do mundo. (...)*

*“ Em tal guisa, Dom Galaaz, disse rei Peleam, como vos eu digo, foi feita a Besta Ladrador. E, porque é filha do demo, aveeram tantas maas aventuras por ela em esta terra e foram mortos tantos homens bõos e tantos bõos cavaleiros como já ouvistes (DSG, p. 449).*

A crença nos animais maravilhosos, bastante representada nos *bestiários* medievais (WOENSEL, 2001), também estava ligada à cultura folclórica por tratar de histórias ancestrais acerca de animais míticos, muitos dos quais se acreditava desde a Antigüidade (como os ciclopes, com um único olho na testa e os ciopodes com apenas um pé enorme sobre o qual abrigavam a cabeça), (PRIORE, 2000, p. 17-38), e se fundiu com a mitologia dos povos celtas e germânicos.

O único a conseguir matar a besta ladradora, animal totalmente voltado ao mal e representante das trevas no romance, é Palamades, cavaleiro muçulmano que após converter-se ao cristianismo consegue realizar o seu intento.

Composta no século XIII, a *Demanda* apresenta elementos de um espaço ternário no Além, pois menciona claramente a idéia de Purgatório. Ela ocorre quando um eremita pede para ser abençoado por Persival. Ante o espanto do jovem, o eremita explica que havia tido uma visão, na qual descobrira o destino de seu irmão falecido (que também fora eremita) no Além. Este sofria havia cerca de dois anos as penas do Purgatório e ficaria naquele local ainda mais três anos, fato pelo qual o asceta se revoltara contra Deus, mas depois, arrependido, pedia as bênçãos de Persival, um cavaleiro puro.

O sofrimento do primeiro eremita no Purgatório denota, segundo a narrativa, o alto grau de perfeição para se atingir o Paraíso. O segundo religioso explica as qualidades do irmão:

*Era mui bõo cavaleiro, leixou o segre por mim e entrou aqui por me teer companhia e viveu com migo XXIX anos em tal vida como Deus sabe. Quando meu irmão morreu, nom há ainda dous anos, em tam bõa vida e em tantas lágrimas, pedindo assi mercee a Nosso Senhor, que eu nom cuidaria en ni~uma guisa, que, tanto que a alma se lhe partisse do corpo, que logo nom fosse ante a face de Deus com gram companhia de anjos e arcângeos (DSG, p. 148).*

A figura do eremita era considerada na Idade Média como portadora de grande religiosidade, e no romance são eles os únicos capazes de interpretar os sonhos dos cavaleiros (TODOROV, 1976, p. 170). A partir do século XII, o eremitismo, prática realizada desde os primórdios do Cristianismo com S. Pacômio (século III) cresceu, com a procura de muitos leigos de obterem a salvação através do isolamento do mundo.

O tempo passado no Purgatório pelo eremita pode representar seus antigos pecados antes de ingressar na vida ascética, ou ainda um elemento a sublinhar a pureza de Persival (era mais puro que o segundo eremita, daí abençoá-lo por insistência daquele), graças à qual este cavaleiro é um dos três escolhidos para encontrar o Graal.

Um traço da busca espiritual do período é que, com o fim da demanda, o próprio Boorz, o terceiro dos eleitos, torna-se eremita. Esta atitude funcionou como modelo para muitos na Idade Média, que ao fim da vida abandonavam a vida secular e se retiravam para a vida religiosa. Um exemplo foi o caso de Nuno Alvarez Pereira, comandante militar de D. João I no século XV, o qual, influenciado pelo modelo arturiano apresentado na *Demanda* e admirador de Galaaz segundo a sua crônica, retirou-se para um mosteiro no fim da vida (*Crônica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira*, 1993, p. 223-225).

Um outro exemplo marcante na *Demanda do Santo Graal* referente aos espaços do Além, é o sonho de Lancelot consigo e com Genebra queimando no Inferno. Nessa visão, o cavaleiro é levado pelos demônios a um local de terrível fedor, onde vê a rainha nua, queimando numa cadeira de fogo:

*E em meo daquele fogo ~ua cadeira em que siia a rainha Genebra toda nua e suas mãos ante seu peito; e siia descabelada e havia a língua tirada fora da boca e ardia-lhe tão claramente como se fosse ~ua grossa candea (DSG, p. 160).*

Devido a seus pecados, Lancelot tem acesso negado à câmara do Graal. Aqui, a consciência sobre o pecado do adultério leva o cavaleiro a antever o seu destino. Por ser pecador, seria mais tarde impossibilitado de ter acesso à câmara onde estava o objeto sagrado.

Numa ocasião em Sarras, Galaaz, por ser dentre todos o cavaleiro predestinado, tem uma visão mais densa que os demais eleitos, atingindo grande comunhão com Deus e alcançando as bênçãos do Reino Celeste na terra. Logo depois desta visão, o “puro dentre

os puros” morre, ascendendo aos céus juntamente com o Graal (DSG, p. 456-457). Este fato parece indicar que a maior parte dos humanos ainda não estava apta a desfrutar os prazeres do Paraíso Terrestre, pois o objeto perfeito retirou-se deste mundo com a morte do melhor cavaleiro cristão. Sobre a visão de Galaaz:

*“ Senhor, a ti dou eu graças e a ti oro e ati b~eego porque me fezești tam gram mercee, que eu vejo abertamente o que a língua mortal nom podiria dizer nem coração pensar. Aqui vejo eu o começo dos grandes ardimentos. Aqui vejo eu a raçom das grandes maravilhas. Senhor, que vós a mi compristes m~ia vontande de me leixardes veer o que eu sempre tanto desejei, ora vos rogo que em esta hora e em esta gram ledice em que som vos plaza que eu passe desta terreal vida e vaa aa celestial (DSG, p. 456).*

A presença do Graal no reino arturiano é também garantia da prosperidade, e sua partida da corte e a busca subsequente pelos cavaleiros significa a procura de estabelecer o Reino Celeste na terra, representado pelo Santo Vaso, que fornecia alimento material e espiritual.

Neste sentido, a abundância garantida por ele está indiretamente relacionada a narrativas referentes à plenitude alimentar, como, por exemplo, o *País da Cocanha, fabliaux* do século XIII (FRANCO JUNIOR, 1998) e também a relatos célticos que retratam o caldeirão da abundância (ZIERER, 2002).

A procura pelo Graal significa a busca pelo Paraíso Terreal, pois este era capaz de preencher todos os desejos humanos, estando ligado a Deus. Outra relação entre o Graal e o Paraíso Terrestre é que este foi encontrado em Sarras, no Oriente, local associado ao Paraíso, tradicionalmente localizado pelos cristãos nesta parte do mundo, pois na *Bíblia* são mencionados os quatro rios que desembocariam no Paraíso Terrestre (Fison, Geon, Tigre e Eufrates) (Gen 2, 8-15). A última palavra do romance é *amen*, reforçando o sentido religioso e definitivo da narrativa, que termina com a destruição do reino arturiano.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos relatos acima, é possível perceber o contato entre elementos da cultura oficial e não-oficial. Em *A Visão de Túndalo*, a noção de um terceiro lugar está ainda em vias de formação e o espaço do Purgatório, essencial na ligação dos vivos e dos mortos, ainda é um pouco confuso, mas já aparecem os tipos de pecadores a serem castigados, sendo Túndalo identificado com os avaros, ladrões, glutões e fornicadores e luxuriosos. A repressão ao sexo no período em questão é bastante clara uma vez que Túndalo é punido por ser fornicador e também luxurioso, palavras com sentido próximo.

Em *A Demanda do Santo Graal*, a narrativa complementa as informações sobre os três *topoi* no Além e da duração das penas que se sofre no local intermédio, como no caso da revolta do eremita por ter seu irmão, também eremita, sofrendo ali havia dois anos. Isso visava mostrar que mesmo um eremita tinha faltas a pagar, sendo difícil obter a perfeição espiritual na sociedade cristã.

A *Demanda* também apresenta uma riqueza de exemplos acerca da ligação dos personagens simultaneamente com o bem “Deus, e o mal “o Diabo, pois as divindades se encontram em contato direto com os cavaleiros e damas. Quanto à *Visão de Túndalo*, representa com clareza de detalhes os suplícios que os fiéis temiam no Outro Mundo e as regras para adotarem uma vida controlada pelos padres para obterem a recompensa da salvação.

Os dois relatos mostram com clareza a oposição entre Paraíso/Inferno, bem/mal que é caracterizada nas narrativas sobre o Além, com a ênfase nas sensações dos cinco sentidos, notadas mais claramente pelo percurso percorrido por Túndalo. Através do órgão da visão, por exemplo, o Paraíso se expressa por belas paisagens, enquanto o Inferno é mostrado em imagens aterrorizantes; antes de sofrer o pecador vê o sofrimento. Com a audição, ouvem-se gritos agonizados no Inferno enquanto no Paraíso soam cânticos harmoniosos de pessoas, pássaros e anjos. Pelo olfato, o aroma sentido pelos eleitos é o de flores e frutos ao passo que os condenados respiram um ar fétido; algumas narrativas da cultura popular referem-se ao “poço do fedor”, que todos temiam. Quanto ao tato, as mãos no Paraíso tocam os semelhantes, os animais, a água cristalina, o Santo Graal, e no Inferno as mesmas mãos empurram-se, procurando esconder-se das torturas e o corpo é dilacerado continuamente.

Coroando os cinco sentidos, com o paladar, os seres do Paraíso têm a seu dispor frutos na *Visão de Túndalo* ou o *Manjar Celestial* (isto é, o Graal contendo todos os sabores do mundo material e espiritual) na *Demanda*, mas os do inferno sofrem privação alimentar, só consomem algo se obrigados e o que ingerem nunca é bom. Na *Visão de Túndalo* chegam mesmo a engravidar de seres que depois os mordem<sup>11</sup>. Seu corpo é triturado e reconstituído incessantemente.

O uso da literatura através das duas obras apresentadas mostra-se adequado para o estudo do imaginário medieval, permitindo-nos perceber vários traços acerca do Além medieval, como a interpenetração entre as instâncias do erudito e do folclórico e o conjunto de crenças imaginadas sobre a vida após a morte, com ênfase em sensações físicas presentificadoras da vida futura.

Conforme demonstrei, a interação entre *literatura e história* é fundamental para a compreensão do período medieval e a interdisciplinaridade nos permite perceber traços da cultura folclórica que foram absorvidos pelo Cristianismo, auxiliando-nos a ter uma visão de outros sistemas de pensamento na Idade Média que não apenas aquele imposto pela cultura dominante. Por isso, os historiadores só tem a ganhar utilizando a literatura como fonte para seus estudos acerca do imaginário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes Impressas

**A Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 1995.

**A Demanda do Santo Graal (DSG).** Ed. de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.

**Carta do Preste João das Índias.** Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.

**Crónica do Condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira por um autor anónimo do século XV.** Adaptação de Jaime Cortesão. Lisboa: Sá da Costa, 1993.

**Visão de Túndalo (VT).** Ed. de F. M. Esteves Pereira. *Revista Lusitana*, 3, 1895, p. 97-120.

---

<sup>11</sup> É a pena dos luxuriosos. *Visão de Túndalo. Ibid.*, p. 105-106.

**Voyage de Raimon Perellos au Purgatoire de Saint Patrice: Visions de Tindal et de Saint Paul** (VTin). Textes languedociens du XV siècle. (Publiés par A. Jeanroy et A. Vignaux.) Toulouse: E. Privat, 1903

### **Obras Citadas**

- BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- DELUMEAU, Jean. **Uma história do Paraíso. O Jardim das Delícias**. Lisboa: Terramar, 1994.
- DUBY, Georges. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- FRANCO JR., Hilário. **Cocanha: a História de um País Imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- LE GOFF, Jacques. **Para um Novo Conceito de Idade Média**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- LE GOFF, Jacques. **Mercadores e Banqueiros na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LOYN, Henry R (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- MEGALE, Heitor. **O Jogo dos Anteparos. A Demanda do Santo Graal: A Estrutura Ideológica e a Construção da Narrativa**. São Paulo: T. A. Queiroz Ed., 1992.
- PRIORE, Mary del. **Esquecidos por Deus: Monstros no Mundo Europeu e Ibero-Americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação: As Minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
- SCHMITT, Jean-Claude. **Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- VAUCHEZ, André. **La Espiritualidad del Occidente Medieval**. Madrid: Catedra, 1985.

WOENSEL, Maurice Van. **Simbolismo Animal Medieval - Os Bestiários**. João Pessoa: Editora Universitária /UFPB, 2001.

ZIERER, Adriana. **O Modelo Arturiano em Portugal: A Imagem do Rei-Guerreiro na Construção Cronística de Sancho II e Afonso III**. Dissertação. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1999.

ZIERER, Adriana. “Modelos da Salvação Medieval: São Brandão e Santo Amaro.” In: **História. Revista do Departamento de História da UFES**. Vitória: EDUFES, nº 9, 2001, p. 41-51.

ZIERER, Adriana. “Os Reinos de Preste João e de Artur e sua Relação com o Paraíso Terreal” In: **Anais do II Ciclo de Estudos Medievais: Saber e Poder na Idade Média**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2000, p. 213-220.

ZIERER, Adriana. “Viagens ao Além e sua Difusão em Portugal no Final da Idade Média.” In: **Atas da IV Semana de Estudos Medievais**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001, p. 329-335.

ZIERER, Adriana. “Artur: de Guerreiro a Rei Cristão nas Fontes Medievais Latinas e Célticas”. In: **BRATHAIR. Revista Eletrônica de Estudos Celtas e Germânicos**, 2, (1), 2002, p. 40-54, <http://www.brathair.cjb.net/>

ZIERER, Adriana. “Paraíso *versus* Inferno: A *Visão de Túdalo* e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (Século XII)”. In: FIDORA, Alexander e PASTOR, Jordi Pardo (coord). *Expresar lo Divino: Lenguage, Arte y Mística*. **Mirabilia. Revista de História Antiga e Medieval**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio/J.W. Goethe-Universität Frankfurt/Universitat Autònoma de Barcelona, v.2, 2003, p. 137-162. Disponível na Internet: *Mirabilia* 2. <http://www.revistamirabilia.com/>

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz. A “Literatura” Medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.